

**SOBREVIVENDO EM CAMPINA GRANDE: COTIDIANO E CULTURA MATERIAL
(1930-1950)**

Severino Cabral Filho*

Pretendemos, com o presente texto, abordar aspectos da cotidianidade na cidade de Campina Grande, Paraíba, nos idos de 1930 a 1950 a partir de algumas fragmentárias experiências de consumo – sobretudo de pessoas pobres – dadas a ver em imagens fotográficas assim como em textos que herdamos de jornalistas e memorialistas, filhos da cidade ou não. Pensar sobre a cultura material vivenciada nesta cidade se configura como um importante desafio a ser aqui enfrentado. Estamos convencidos que vida cotidiana e cultura material são experiências inseparáveis, e que o estudo de apenas uma destas experiências resultaria lacunar dado à complementaridade indispensável que o estudo da outra pressupõe.

Estas experiências de consumo são válidas para uma reflexão acerca das transformações sociais, econômicas e mentais havidas em Campina Grande ao longo deste percurso; elas também contribuem para a elaboração de uma memória da cidade a partir do que nela foi vivido cotidianamente, na medida em que a vida cotidiana forma os agentes sociais em sua plenitude e por eles é formada: os desejos (realizados ou não), os prazeres (satisfeitos ou não) assim como as angústias e as frustrações são elementos indispensáveis à compreensão desta experiência humana configuradora desta relação de mão dupla.

É necessário acrescentar que, em função das limitações de espaço que se impõem a um texto desta natureza, não faremos discussões sobre os conceitos de “cultura material” e de “cotidiano”. Para fins didáticos, circunscreveremos o que estamos chamando aqui de “cultura material” ao âmbito do consumo estritamente doméstico, sobretudo ao que diz respeito às habitações dos mais pobres assim como a sua alimentação. Inspiramo-nos em Fernand Braudel para pensarmos sobre “cultura material” e “consumo”.¹

* O autor é doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba e professor de História Moderna e Contemporânea na Universidade Federal de Campina Grande.

¹ BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. Tradução Telma Costa. São Paulo, Martins Fontes, 1995 (particularmente os capítulos 4 e 5 desta obra).

Para Braudel, a vida material, é marcada pelos “fatos miúdos que quase não deixam marcas no tempo e no espaço”,² impõe-se no interior da grande “civilização econômica” (representada na economia de mercado, o domínio por excelência do capitalismo); e são estes “fatos miúdos”, apanágios da cotidianidade, que, tantas vezes, se insurgem contra a “civilização econômica”, burlando-a, perturbando-a, contradizendo-a. Tais ocorrências impregnam a sociedade em todos os seus níveis, marcando-a com maneiras de ser e de agir que se transferem como herança de geração a geração. Assim, *vida material* significa homens e coisas (os alimentos, as habitações, o vestuário, o luxo, os utensílios, os instrumentos monetários, a definição de aldeia ou cidade), isto é, aquilo de que se servem os homens.

Para refletirmos sobre “cotidiano”, recorremos a Michel de Certeau, para quem o cotidiano se revela nas ações dos indivíduos no jogo das práticas sociais; ‘maneiras de fazer’ que evidenciam uma relação tensa entre produtores (ou dominadores) e consumidores (dominados, mas nem por isso passivos ou dóceis). Assim, o cotidiano pode ser pensado como um jogo marcado por relações de força, de luta por espaço e poder no qual se digladiam as *estratégias* disciplinadoras, próprias para o exercício do controle, projetadas pelos produtores, e as *táticas* para sobrevivência e auto defesa que os consumidores acionam. As *táticas* se insinuam dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado, operando golpe por golpe, aproveitando todos os espaços e ocasiões conquistadas, sempre vigilantes e à espera das falhas do poder proprietário. Pura astúcia. Portanto, seria nesta esfera de conflitos, marcada por ataques e contra ataques, que a vida cotidiana se manifestaria, definindo nos pequenos espaços disputados diariamente minúsculas, parciais e efêmeras vitórias.³

Começamos com F. Braudel para pensarmos sobre a experiência dos pobres campinenses no que concerne ao que estamos chamando de *cultura material* e de *cotidiano*.

“Mesmo quando se multiplicam as construções, os pobres continuam miseravelmente alojados”, afirmou Braudel, referindo-se às contradições havidas no quesito *Habitação* na experiência mundial por ele abordada entre os séculos XV e XVIII.⁴ Esse pressuposto continuaria válido no decorrer dos séculos que se seguiram, e

² *Idem*, p 17.

³ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. I. Artes de Fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

⁴ Conferir BRAUDEL, Fernand. *Op. Cit.* p. 250.

com o agravante de os pobres e as suas residências, sociabilidade, cultura, terem sido objetos da mais feroz vigilância e esquadramento do aparato de poder gestado na Modernidade.

A casa ocupa um lugar central na vida dos indivíduos; ela encerra uma gama de valores materiais e simbólicos que vão desde a proteção aos seus moradores até a expressão da condição social destes. As casas nos dizem muito a respeito do estágio tecnológico em construções que atingiram determinadas sociedades; dos materiais utilizados, aproximando-nos daquilo que o meio geográfico e a natureza disponibilizam aos construtores (a pedra, o barro, a madeira); e ainda – um dos seus mais importantes significados – elas nos fornecem indícios preciosos de como os homens produziam e organizavam as suas realidades, expressando de forma muito convincente, através de sua arquitetura, as distâncias sociais estabelecidas entre os beneficiários e os deserdados no mundo do *Ter*, ainda mais no período histórico do qual nos ocupamos, já profundamente marcado pelos desígnios do mercado internacionalizado.

Os fotógrafos que se ocuparam de tomar imagens de Campina Grande neste período voltaram pouco as suas objetivas para as zonas periféricas da cidade onde, de acordo com os materiais escritos que dispomos, habitava a maior parte dos seus pobres. Mesmo assim, imagens de ruas próximas ao centro da cidade, nos dão uma medida aproximada da qualidade da moradia destas pessoas. E onde moradias pobres foram mostradas se nos aparecem apenas as suas fachadas o que significa um prejuízo, uma quase impossibilidade de avaliarmos o que se consumia “porta adentro” destes lares; de sorte que materiais escritos deixados por cronistas e memorialistas contribuem para amenizar este vazio.

Tomamos a fotografia nº 1 como ponto de partida para pensarmos sobre a habitação desses homens e mulheres campinenses num contexto que parece lhes ter sido pouco favorável, sobretudo àqueles habitantes das zonas periféricas da cidade como, por exemplo, os bairros do Prado, da Liberdade, do Moita e da Cachoeira, “bairros feitos de trabalho e pobreza”, no dizer do cronista Francisco Maria Filho.⁵

De acordo com um antigo morador da cidade a foto em questão retrata um trecho da Rua do Emboca (atual Rua Peregrino de Carvalho), nos idos dos anos 1930,⁶

⁵ Conferir a crônica “Enterro de Menino Pobre” In MARIA FILHO, Francisco. *Crônicas*. Campina Grande, 1978, p. 32-33.

⁶ Como boa parte do acervo a que tivemos acesso esta fotografia não identifica o seu autor, o espaço fotografado, nem a data da tirada da imagem. Assim, recorremos à memória de moradores antigos da cidade, na esperança de sanarmos em parte a desorientadora lacuna com a qual nos deparamos. Em parte,

rua situada a pouco mais de cem metros a leste da Rua Maciel Pinheiro que, por ser o endereço de algumas das lojas mais requisitadas, e pelo fato de ali residirem famílias importantes na economia e política locais, era a principal e mais elitista das ruas da Campina Grande de então. Localizada, portanto, no núcleo central da cidade.⁷



Foto 1: Acervo Dr. Severino Bezerra de Carvalho

A imagem não deixa dúvidas quanto a pobreza material destas casas e dos seus moradores. Erguidas sobre uma rua sem nenhuma pavimentação, na terra batida, com construções em ambos os lados, apresentam um conjunto simples, praticamente homogêneo, no qual predominam construções constituídas por uma porta e duas janelas frontais, ou uma porta e uma janela, ou, ainda, duas portas; casas geminadas o que deixa antever quase nenhuma privacidade entre os seus moradores. À direita, um montículo aparentando ser mato ou lixo; pode-se divisar três postes (um à direita e dois à esquerda) indicando a passagem de fios condutores de energia elétrica. Ao fundo da imagem parece haver casas de melhor qualidade. É possível ver algumas pessoas escoradas às portas das casas, assim como um homem que se caminhava na direção do

obtivemos êxito. Onde e quando possível as imagens foram identificadas pelo menos no seu referente espacial. As datas em que foram tomadas as fotografias somente por aproximação foram definidas. A foto em apreço nos foi identificada como sendo a Rua do Emboca, na década de 1930, pelo senhor Nicomedes Henriques de Oliveira, administrador de empresas aposentado.

⁷ A este respeito vale conferir a interessante discussão por Sousa (2001), onde o autor analisa as modificações pelas quais passou a região central de Campina Grande tanto com relação à conformação do que se entendia por “centro da cidade”, às mudanças na nomenclatura de suas ruas (até então batizadas popularmente e cujos nomes tinham a ver com o uso que delas faziam os seus moradores) como nas mudanças de natureza física, que atenderam a objetivos políticos e econômicos, mas que, no discurso da administração e dos letrados locais, se prestavam à modernização daquela urbe. Cf. SOUSA, Fábio Gutemberg R. Bezerra. *Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande – (1920-1945)*. Tese de Doutorado em História. Campinas, Unicamp, 2001.

fotógrafo. De acordo com o cronista Cristino Pimentel, a Rua do Emboca era espaço de habitação popular e abrigo de pensões e zona de meretrício.⁸

Habitados por pessoas pobres e socialmente estigmatizadas, algumas ruas, ruelas e becos, fisicamente bem próximos de onde pulsava a vida econômica e social de Campina Grande, tornar-se-iam, pelos idos dos anos 1940, com a reforma urbana já em curso e consumada na administração de Vergniaud Wanderley (23/08/1940-19/03/1945), áreas econômica e socialmente valorizadas e que se tornariam parte daquela região nobre da cidade.

Uma dessas ruas era a Rua da Cadeia; parte dela nos é mostrada na foto nº 2, tomada no ano 1931.⁹ Esta rua, num futuro próximo, seria demolida e viria a transformar-se num dos lados da atual Praça Clementino Procópio, inaugurada em janeiro de 1936. Rua habitada por pessoas pobres, como nos é permitido supor pelas casas que vemos na fotografia. A imagem nos dá conta de construções simples. Casas feitas ainda de taipas e telhas, geminadas. À direita da foto vemos uma espécie de barracão e algumas pessoas, umas de pé, outras sentadas, conversando. Uma cena provavelmente comum para o cotidiano daquelas existências. Residências como as que vemos na imagem estavam agora fora dos padrões estéticos que se consolidavam, incorporados e difundidos pelo gosto da elite detentora do poder social, econômico e político que, em geral, deixara-se marcar por um padrão de beleza caracterizado pelas linhas previstas pela racionalidade das modernizadas técnicas de construção, que estimulavam a ampliação interna dos espaços e a atribuição a estes de novas funcionalidades, construções com mais de um pavimento, cômodos individuais, enfim prenúncio de novas relações das pessoas consigo próprias, da ascensão do sujeito e da individualidade, que viriam desaguar no império da subjetividade. Assim, essas construções de reputação nada recomendável, na ótica dos seus detratores – que as denominaram jocosamente de “caixas de fósforo” –, foram marcadas para desaparecerem.

⁸ Veja-se PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do Passado*. Campina Grande, Editora Teone, 1956.

⁹ Localizar geograficamente estas ruas, hoje, não deixa de ter um grau considerável de complexidade. Além desta imagem temos a descrição fornecida por Epaminondas Câmara no seu *Datas Campinenses*, que assim nos informa sobre a espacialidade da Rua da Cadeia: “Começa na Praça da Luz e termina na Rua Irineu Joffily. É hoje um dos lados da Praça Clementino Procópio” (nota de pé de página, p.91). Já a Praça da Luz, componente desta cartografia, é assim localizada e descrita pelo mesmo autor: “Entre as ruas Afonso Campos, Vidal de Negreiros e Venâncio Neiva. No lado entre as extremidades de Afonso Campos e Vidal de Negreiros, onde hoje se ergue a igreja Batista e várias casas novas, existia naquele tempo uma série de mocambos de taipa e telha, conhecida por Caixa de Fósforos” (p. 93). Cf. CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande, Editora Caravela, 1988.



Foto 2: Arquivo Severino Bezerra de Carvalho.

As “caixas de fósforos” estavam, portanto, com os seus dias contados. A intransigência contra tais construções chegou ao seu ápice através do jornal campinense *Brasil Novo* onde, na edição de 14 de fevereiro de 1931, um articulista, anônimo e intolerante, pedia, com urgência, a demolição do que ele considerava “porcaria, nojo, repugnância”. Aqueles casebres que, em sua ótica e verve, estariam “pedindo um empurrão que os joguem por terra”, desafiavam o senso estético dos responsáveis pela reforma da cidade. Atrás daquelas “portas imundas”, “mulheres sórdidas continuam morando, e por ser uma artéria movimentada, exibem aos transeuntes, a sua miséria e a sua porcaria”. Elas, “quase todas meretrizes de baixo calção, de vestes porcas e imundas, repugnam, pelo exibicionismo de suas mazelas”. Segundo o irritado articulista, tal situação tolerar-se-ia num subúrbio, mas nunca no centro de uma cidade como Campina Grande.¹⁰

Entre as duas imagens fotográficas acima reproduzidas e o texto tão agressivo do articulista do *Brasil Novo*, colocamo-nos diante da interface entre a palavra escrita e a imagem fotográfica como meios de significarmos a cidade; estamos face a face com a dualidade havida entre a morte e a eternidade. Afinal, a fotografia é comumente relacionada à morte daquilo que expressa em sua superfície, mas perpetuada na imagem. Afinal, para Christian Metz, a imobilidade e o silêncio, apanágios da imagem fotográfica, “não são apenas aspectos da morte, eles são também seus principais símbolos, eles *figuram-na*”.¹¹ Incentivar a morte de algo, desejá-la, promovê-la: teria sido estes os objetivos dos fotógrafos que produziram estas imagens? Não sabemos. Sequer lhes conhecemos a identidade. No entanto essa possibilidade não pode ser

¹⁰ Conferir “As Caixas de Fósforo”. *Jornal Brasil Novo*, n. 6, 14 de fevereiro de 1931, p. 6.

¹¹ Citado em SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. *Imagem: Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 2001, p. 133. Os grifos estão no original.

descartada, pois, pelo que nos é dado a conhecer, tanto o artigo quanto a imagem foram produzidos num momento histórico em que os discursos modernizantes não davam espaço para o que era considerado agressivo aos novos padrões estéticos que estavam a orientar uma nova visão de cidade, desenvolvimento e progresso.

Parece não haver dúvidas quanto a esta íntima relação da fotografia com a morte. Todavia, não é exagero sustentar que a imagem fotográfica relaciona-se também intimamente com a eternidade – ou com a promessa de eternidade – na medida em que preserva o que foi, colocando aquele que a vê em contato com o passado, quase permitindo até tocá-lo, de tão *vivo* e expressivo que ele aparece na imagem: para Roland Barthes, “aquilo que se vê no papel é tão real quanto o que se toca. É o advento da fotografia que partilha a história do mundo”.¹²

Mas, como viviam as pessoas que habitavam esses espaços e que as imagens revelam? Como se alimentavam? As fotografias que dispomos, por terem sido tomadas nas ruas e espaços abertos da cidade, não nos dão muitas pistas para adentrarmos esta faceta do cotidiano destas pessoas. Mas podemos nos valer de um outro tipo de imagens – as imagens literárias deixadas pelos memorialistas – que, com sua peculiar riqueza de detalhes acerca do vivido, nos dão a conhecer parte fundamental da existência destes memorialistas e do mundo ao seu redor.

Esta outra forma de representar a cotidianidade nos permite adentrar esses lares e observar a sua rotina nem sempre feliz. Assim, é no cruzamento dessas duas formas de imagens que julgamos encontrar boas referências para pensar parte desta materialidade. O caso da família Pessoa Mendes é exemplar nesse sentido, de forma que pode nos fornecer pistas valiosas sobre as condições materiais com que se defrontaram pessoas pobres como elas em sua experiência campinense, “em busca de novos horizontes”.¹³

A descrição que faz Manuel Pessoa Mendes do bairro do Prado, onde foram morar inicialmente, numa casa alugada por alguns dos seus familiares já residentes na cidade, é bem significativa. Aquele bairro “sem dignidade”, com os seus casebres amontoados, seus moradores vindos de fora, sem profissão certa, que lhe emprestava um caráter passageiro e estranho. Este espaço da cidade e a casa que a sua família ali alugou, guarda muitas semelhanças com o que nos mostram as fotografias acima. Senão vejamos:

¹² Conferir BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 124.

¹³ Pernambucanos da zona rural da cidade de Bom Jardim que imigraram para Campina Grande em fevereiro de 1938 em decorrência de uma forte enchente que dizimara todos os seus bens e estilo de vida.

Era um bairro pobre e sujo, além de ter má fama. Má fama, aliás, que já não merecia, pois, as *mulheres da vida* que ali viviam há muito haviam sido transferidas para um outro local. O estigma porém ficara, juntamente com a extrema pobreza da grande maioria dos que ali moravam... O casebre tinha paredes baixas, de taipa, chão de terra e cobertura irregular, com muitas frestas em suas velhas telhas de barro mal cozidas e enegrecidas. Imprensada entre outras duas casinhas que pareciam se apoiar ente si, a *residência* dispunha apenas de uma porta e diminuta janela na frente e uma outra porta nos fundos. Um corredor estreito, lateral, ligava a sala aos dois quartos e à cozinha. Tudo pequeno, escuro e sujo. As paredes internas, mal caiadas, só alcançavam um pouco mais que a altura de uma pessoa, ficando um vão aberto entre elas e o telhado.¹⁴

A descrição é longa mas útil para compreendermos as situações com que se deparavam muitos dos imigrantes que desembarcavam em Campina Grande por esses tempos, fugindo das intempéries que atingiram os seus lugares de origem e sendo atraídos pelas promessas de uma vida melhor que seriam proporcionadas pelo tão difundido desenvolvimento econômico desta cidade. É útil também por nos apresentar a simplicidade das formas e medidas das construções destinadas ao consumo dos pobres.¹⁵

Esta situação inicial convertera-se num choque para aquela família, habituada, em sua terra natal, a viver numa casa com dimensões bem maiores e, ainda mais, toda em alvenaria. Diante da projeção idealizada sobre o bem viver naquela terra tão promissora e a realidade com a qual se deparavam ali, a decepção e o desconcerto devem ter tomado de assalto àquelas pessoas. Certamente não deve ter sido animador olhar em volta, no interior da nova moradia, e deparar-se com a mobília assim descrita.

Uma mesa de caixotes na cozinha e uma outra menor na sala, além de quatro tamboretas. No quarto – seria mais apropriado dizer buraco – uma cama velha, com colchão de capim, abrigo de muitos percevejos, comprada de terceira ou quarta mão. No outro cômodo, em paus da própria estrutura da parede de taipa, foram armadas as redes para as crianças. Na cozinha, apertada e escura, por falta de janelas, uma placa de ferro, com dois buracos, apoiada numa banquetta de tijolos, servia

¹⁴Conferir MENDES, Manuel Pessoa. *O menino de Tracunhaném*. Brasília, Thesaurus, 1999, p. 32. Percebamos que mesmo tantos anos depois deste acontecimento o nosso memorialista parece concordar com o modelo de pensamento que estigmatizava o seu antigo bairro, isto é, o fato daquele local já haver abrigado *mulheres da vida* justificavam a má fama que lhe era atribuída. As mulheres da vida que tanto perturbaram os menestréis da “ordem” em Campina Grande (os grifos, no original, são bem emblemáticos dessa comunhão de pensamento).

¹⁵ Não se pode negar que Campina Grande experimentou um considerável crescimento econômico, urbano e demográfico, basta acompanhar os números apresentados por Epaminondas Câmara em *Datas Campinenses* e, a partir dos quais, e com muita euforia, procura provar a grandeza desta cidade.

de fogão. Ao lado, um pote de barro, com água para beber e cozinhar. Para a iluminação, um candeeiro de lata com pavio de algodão bruto. Atrás, um diminuto quintal, mal fechado por uma velha cerca de varas trançadas, com muitas falhas, conseqüência de roubo dos vizinhos, sem dinheiro para comprar lenha. Lá nos fundos do quintal um minúsculo quartinho, sem telhado, com uma porta de pano de saco de estopa, servia de privada e banheiro.¹⁶

A leitura destas imagens nos leva a pensar que as expectativas de uma vida material condigna que a maior parte dos migrantes julgou lograr através do seu trabalho nem sempre se confirmaram. Eles, que depositaram as suas esperanças no anunciado desenvolvimento econômico de Campina Grande e esperaram dele compartilhar, viram-se certamente frustrados e, em muitos casos, o torpor com a nova experiência foi expresso ao primeiro contato com as dificuldades agora enfrentadas.

A fotografia n° 3 nos coloca diante de alguns itens do consumo popular ou, do que estava mais ao alcance do poder aquisitivo de trabalhadores pobres. Para além do movimento de homens e mulheres – muitas delas, talvez, empregadas domésticas, conduzindo os seus cestos à cabeça e seguindo as suas patroas –, vemos à disposição da clientela, numa dada ordem, mesas, cadeiras e uma cama para casal (quem sabe até de segunda mão, uma vez que era comum nestas feiras a comercialização de móveis usados) com o seu respectivo colchão, provavelmente forrado com junco ou capim, e em franco desalinho com o estrado da cama. Afinal, os colchões com molas eram produtos para os abastados, e muitas daquelas pessoas pobres, resignadas ou não, descansavam os seus corpos sobre catres.¹⁷ Por mais simples que possam parecer as peças para mobília que esta imagem nos apresenta, certamente elas constituíram-se em sonho de consumo de muitos imigrantes pobres em Campina Grande. Pobres como a família Pessoa Mendes.

Assim, uma das possibilidades colocadas pela feira para aqueles que tiveram um destino mais feliz em Campina Grande, mas que, mesmo assim, não podiam encomendar os seus móveis nas movelarias da cidade, era a compra de móveis mais simples como estes que a fotografia nos mostra, para mobiliarem as suas moradias: equipamentos bem modestos e que às vezes eram adquiridos de “terceira ou quarta mão”. Imagens como estas também nos ajudam a compreender as dificuldades de consumo pelas quais

¹⁶ MENDES, Manoel Pessoa. *Op. Cit.*, p. 33.

¹⁷ É uma expressão também usada por Manuel Pessoa Mendes para designar a cama que seus pais usaram ao chegar à Campina Grande: “Zefinha jogou uma colcha de retalhos sobre seu catre”. Conferir MENDES, Manuel Pessoa. *Op. Cit.*, p. 33

passaram os pobres, campinenses ou migrantes, que optaram por ‘mudar de vida’ nesta cidade anunciada pelos seus entusiastas como um oásis de oportunidades. São homens e mulheres trabalhadores que foram atraídos pelas possibilidades de ganho numa cidade com fama de progressista graças à cultura do algodão e aos festejados comércio e indústrias campinenses.



Foto 3: Extraída do Relatório “Campina Grande: um centro comercial do Nordeste”.

A fotografia n° 4 nos conduz a algum local ermo no bairro do Prado no decorrer da distante década de 1940. Uma legenda acompanhando a fotografia nos revela o seu referente: trata-se de um abate de caprinos que ocorria naquela região.¹⁸ Sabe-se que a carne destes animais é uma iguaria importante na culinária nordestina, igualmente apreciada por abastados e por pobres. Ainda nos dias que correm o preço desta carne é inferior ao preço da carne de gado, mas, neste quesito, é mais ou menos equiparada à carne de porco, também muito consumida nestas comunidades.

A imagem nos mostra três homens e dois cães, além dos caprinos abatidos, despelados e pendurados numa estrutura que lembra galhos roliços de árvores. O homem que está no centro, voltado para o fotógrafo, apóia a sua mão direita bem próxima a alguns dos animais abatidos. O homem que está à esquerda parece estar trabalhando: tem uma espécie de faca em sua mão direita com a qual corta um animal. A imagem sugere que o terceiro homem está atento aos movimentos de um dos cães, ou, evita ter o rosto fotografado.

¹⁸ Temos alguns indícios que nos levam a pensar que a atividade de abater animais para a venda na feira e nos mercados locais não se restringiu ao Prado, mas verificou-se em outras zonas da periferia de Campina Grande. Por exemplo: a rua atualmente denominada Cel. José André, ligando as avenidas Getúlio Vargas e Floriano Peixoto, a oeste da cidade, já teve a denominação popular de Rua do Esfolo Bode. O senhor Nicomedes Henriques de Oliveira nos informou que este nome deve-se às atividades de abates de caprinos naquela artéria.

Chamam a nossa atenção as vestimentas tão semelhantes que esses trabalhadores estavam usando naquele instante: dos seus chapéus às suas sandálias tudo parece rigorosamente igual. Usariam paletós para o abate dos caprinos ou o uso daquela indumentária era uma estratégia teatral, um recurso de cenário para parecerem mais elegantes e mais dignos na foto? Afinal, naqueles tempos, o uso do terno implicava uma simbologia que expressava um modo de bem vestir.

Para além destes detalhes relacionados à aparência importa destacar a revelação que a imagem nos traz acerca do modo tradicional de abater e preparar os animais para o consumo: ao ar livre, em locais remotos de uma cidade que, paradoxalmente, já dispunha com um matadouro público próprio para o abate de bovinos. Isso nos conduz às questões relativas à alimentação.



Foto 4: Acervo do Museu Histórico de Campina Grande

Pela quantidade de caprinos expostos na fotografia podemos sugerir uma produção considerável da carne desses animais para o consumo em Campina Grande, o que nos leva a pensar que os responsáveis por esta produção eram pessoas dotadas de algum cabedal. Estamos, pois, imaginando que os homens que foram retratados nesta fotografia são os trabalhadores responsáveis pelo abate e preparação dos animais para serem comercializados na cidade.

A fotografia nº 5 nos mostra outro momento relacionado à preparação dos caprinos para o mercado. Ela é tão rica em significados quanto a imagem anterior. Acreditamos que ambas as fotografias foram feitas na mesma ocasião, como a querer registrar as etapas do processo de abate destes animais. Além de nos apresentar as maneiras de realização deste trabalho, elas indiciam aspectos importantes daquela

realidade, indicando um produto específico que a cidade dispunha para a alimentação de parcela dos seus habitantes.

Para além do que pode ter sido a intenção do fotógrafo (documentar o abate dos caprinos em etapas), esta imagem nos coloca frente a frente com um cenário de produção de alimentos que devia incomodar a muitos. Vemos um mourão (um tronco de árvore), onde provavelmente os animais eram amarrados para o abate; as preocupações com a salubridade, tal qual estava ditando o saber médico, passava longe desta cena. Os animais abatidos, sobre o chão, dividem o espaço com o que parece ser galhos e outros materiais que poderiam causar repulsa aos espíritos modernizadores que pelejavam por um determinado projeto de higienização para Campina Grande, projeto este que colidia frontalmente com práticas como as que essas imagens nos mostram.



Foto 5: Acervo do Museu Histórico de Campina Grande

Há outra especificidade nesta imagem: a participação das mulheres naquela atividade. São as “fateiras”, aquelas que evisceravam os animais. Munidas com suas facas, vestidas com saias, blusas de mangas compridas e lenços amarrados nas cabeças (proteção contra o sol ou preocupação higiênica?) elas realizam seu trabalho sob a observação de um homem que, de chapéu de couro e camisa aberta, se posta à retaguarda delas, como a fiscalizar-lhes o trabalho.

Este é um cenário de produção alimentar, mas também de evidente pobreza. Segundo informações que colhemos junto a pessoas que viveram esse período, o pagamento pelo trabalho realizado pelas mulheres como as que vemos na foto, era feito com partes dos animais que não tinham valor comercial considerável: as vísceras, as

patas, a cabeça... Enfim, estabelecia-se uma espécie de troca de trabalho por comida, isto é, aquela comida rejeitada por quem podia pagar pela carne nobre dos caprinos. Para pessoas pobres como estas, sem emprego definido, alimentar-se era, afinal de contas, um grande desafio a ser enfrentado todos os dias.

Para uma parcela considerável da população campinense, quase sempre sem recursos naquele universo tão afamado pela sua riqueza, a preocupação com a alimentação deve ter-se constituído num verdadeiro peso. Se fotografias como as que vemos não nos apresentam indícios suficientes acerca desta premissa, podemos buscá-los nas imagens literárias. Afinal, os nossos homens de imprensa muitas vezes reclamaram contra o preço elevado dos alimentos; os memorialistas, na sempre complexa tarefa de reinventar o passado, nos deixaram um bom material que, em muitas circunstâncias, é capaz de indiciar a experiência dos menos favorecidos em sua luta pela alimentação.

Mais uma vez recorremos a Manuel Pessoa Mendes que, ao narrar muitas das privações, decepções e tristezas pelas quais a sua família passou em sua experiência campinense, nos oferece indícios preciosos para pensarmos sobre a alimentação dos pobres em Campina Grande. Ele nos conta, por exemplo, que pessoas como as suas não podiam consumir produtos outros que não aqueles refugados, encontrados na “feira do bacurau”, onde se vendiam as sobras do que era ali comercializado desde o alvorecer: os melhores produtos eram adquiridos por aqueles com poder aquisitivo suficiente, fregueses cuja riqueza e exigência de qualidade eram medidas pela hora em que iam às compras. As vendas começavam muito cedo, quando as frutas e outros produtos ainda estavam sendo descarregados dos caçuás, que utilizavam os serviços de um carregador de aluguel, com um grande balaio na cabeça. Eram os fregueses abastados que consumiam as “melhores e maiores frutas; a carne, chã de dentro; o café, moca; o açúcar, refinado; o arroz, agulha; o queijo, de manteiga”.¹⁹

Para pobres como os Mendes restava “a feira dos restos: aparas de carne, ossos, muxiba, frutas mirradas e amassadas, café de segunda a ser torrado em casa, misturado com açúcar bruto ou rapadura para render mais; o sal era grosso; o açúcar, cristal ou sumeno (sic) e o arroz da terra”.²⁰ Com um orçamento apertado graças aos minguados ganhos, era assim que as pessoas pobres se abasteciam:

¹⁹ MENDES, Manuel Pessoa. *Op. Cit.*, p. 37.

²⁰ MENDES, Manuel Pessoa. *Op. Cit.*, p. 37

Um pouco de uma coisa, um pouco de outra, depois de uma longa discussão do preço na tentativa de baixar ainda que um tostão, nas ruas entulhadas de sujeira de todo o dia e com as bancas mal iluminadas por candeeiros fumacentos. Juntava tudo num pequeno balaio, equilibrado na cabeça protegida por uma rodilha de folhas de bananeira, na volta, a pé, para seus casebres, em ruas sujas e escuras dos bairros distantes como o Prado.²¹

Explorando os textos que nos deixaram os homens da imprensa que acompanhavam aqueles momentos cruciais em Campina Grande, podemos recolher alguns outros sinais das dificuldades de alimentação pelas quais passaram os pobres. O jornalista Epitácio Soares, numa crítica jocosa, mas preocupada, eleva, ironicamente, o comerciante varejista de carnes – que ele chama de carnicheiro – à condição de excelência. Soares denunciava o alto preço da carne bovina numa matéria que fez publicar no jornal *A União*, em sua edição de 13 de janeiro de 1943.²²

Obviamente Epitácio Soares estava longe de ser uma pessoa pobre. Jornalista e literato, mesmo não sendo um homem de grandes posses, certamente fazia parte de uma camada privilegiada daquela sociedade, a sua elite intelectual. No seu artigo, e com a intenção de atrair a atenção da Comissão de Abastecimento da cidade, nos informa que, ao ir à feira, “assombrou-se com o preço exorbitante da carne de gado”, considerado por ele “o maior crime contra a economia popular”, crime que ele atribuiu aos criadores do município de Campina Grande. Se um porta-voz daquela elite estava reclamando do preço do alimento, o que dizer daqueles que apenas podiam imaginar-se comendo carne bovina?

Diante de tais dificuldades para se consumir carne entre as pessoas mais pobres, o recurso à caça de pássaros – ainda fartamente povoando esta região – parece ter sido uma opção capaz de minimizar a carência e o desejo de comer algo mais que feijão com farinha ou cuscuz. Claro que a caça não era exclusividade dos pobres. Membros da elite campinense praticavam-na com gosto: quer por apreciar a carne das caças, quer pelo prazer do esporte. Por sua vez, o prazer do esporte não era apanágio dos mais favorecidos; os necessitados também apreciavam a aventura. Entre estes, todavia, a carência alimentar parece ter sido o incentivo principal a impulsionar-lhes nesta tarefa.²³

²¹ MENDES, Manuel Pessoa. *Op. Cit.*, p. 37-38.

²² Conferir: “Sua Excia. O Carnicheiro”. In *A União*, 13 de janeiro de 1943, Ano L, n. 10, p. 6.

²³ Recorremos aqui às narrativas do médico Severino Bezerra de Carvalho que nos diz acerca de suas aventuras como caçador nas cercanias de Campina Grande juntamente com o seu colega e amigo Francisco (Chico) Wanderley que, inversamente ao doutor Bezerra de Carvalho, apreciava muito a carne das caças. Impressiona o aparato com que esses dois homens se muniam para estas aventuras: “Em vários

Muito distante das possibilidades econômicas dos dois médicos que se davam ao luxo de prepararem-se com um sofisticado armamento de caça, apetrechos médicos e lanches diversos, Albino Mendes, que

Nunca ia ao roçado sem a sua espingarda, e de onde voltava sempre com um feixe de lenha na cabeça, deixava de comprar qualquer coisa mas sempre reservava algumas economias para um cartucho de pólvora preta ‘Elefante’, um punhado de chumbo miúdo e uma caixinha de espoletas. O domingo era só da espingarda... Era um jeito de fazer sempre o que gostou e de conseguir um pouco de carne fresca, melhorando o cardápio da família.²⁴

Lutar contra tanta carência num período de propalada abundância deve ter sido uma tarefa difícil e inglória para os milhares de pobres que viviam em Campina Grande. As fissuras sociais que caracterizavam a sociedade brasileira naquele momento com os seus conflitos e tensões se reproduziam nesta cidade. Essas contradições sociais são bem evidentes em algumas das imagens que dispomos. Tais imagens, ao nos mostrar a cidade em seu funcionamento, talvez até mesmo com o objetivo de oferecer visualmente aspectos do que muitos membros daquela elite defendiam idealmente como desenvolvimento, civilidade e progresso, nos trazem, ao mesmo tempo, algo que essa mesma elite tanto desejava retirar do primeiro plano de seus desejos não apenas por ferir a sua sensibilidade estética, mas, sobretudo, por negar o seu ideário de grandeza.

sábados, após o café (em minha casa, pois o parceiro ainda nem pensava em casamento) saíamos ‘fardados’ com macacão cinza claro, de mescla, uma grande mochila a tiracolo contendo apetrechos indispensáveis à aventura (sanduíches de várias espécies, barras de chocolate, laranjas azedas ou limões, pois a sede grande não cede com água, uma caixa de metal contendo seringas e agulhas esterilizadas – pois não havia ainda seringas descartáveis – soros contra picadas de cobras, antiofídico, anticrotálico e antibotrópico), uma faca de mato numa bela bainha na cintura, chapéus de abas largas (de palha, baratos...) e botinas de cano longo, quase botas, além do cantil. Minha arma era um rifle Winchester de bala U, com repetição de 20 tiros, e a do Chico era uma bela espingarda de cartucho calibre 12, capaz de assombrar, sei lá, até alguma onça desgarrada”. Conferir BECALHO, Seno. *Vagamundagem*. Campina Grande, Impresso para consumo doméstico, 2006, p. 37. (Um esclarecimento: Seno Becalho é um heterônimo de Severino Bezerra de Carvalho).

Manuel Pessoa Mendes nos diz que a caça sempre fora o divertimento favorito dos Mendes, desde os seus antepassados, e que o seu pai, Albino, desde a infância habituara-se a caçar com um badoque; aos doze anos ganhara do pai uma espingarda de espoleta, e aos dezessete, com a venda da colheita do seu roçado, comprara uma espingarda *Lazarina*, usada. Ao narrar este hábito familiar ele nos coloca em dia com os muitos animais caçados por pessoas como aquelas: rolinhas, nambus, preás, codornas... Conta-nos também que no primeiro domingo de sua família em Campina Grande, a carne do almoço fora providenciada numa caçada realizada pelo seu pai e o seu avô, sendo auxiliados pelo cão da família, chamado Galego. Naquele distante domingo o seu pai “voltara para casa às duas da tarde, trazendo cinco codornas no *bizaco* (sic). Duas delas, depois de limpas, salgadas e assadas numa grelha de arame, foram devoradas no almoço... Três codornas restantes, também limpas e salgadas, foram dependuradas num arame esticado sobre o fumeiro do fogão, para o almoço do dia seguinte”. Conferir MENDES, Manuel Pessoa. *Op. Cit.*, p. 39.

²⁴ MENDES, Manuel Pessoa. O autor nos informa que o senhor Albino Mendes, para compor um roçado, alugara um *quadro* de terra (algo em torno de 75 m²) ao proprietário rural João Honório. *Op. Cit.*, p. 41.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BECALHO, Seno. *Vagamundagem*. Campina Grande, Impresso para consumo doméstico, 2006.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. Tradução Telma Costa. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande, Editora Caravela, 1988.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. 1. Artes de Fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.
- MARIA FILHO, Francisco. *Crônicas*. Campina Grande, A União Cia. Editora, 1978.
- MENDES, Manuel Pessoa. *O menino de Tracunhaném*. Brasília, Thesaurus, 1999.
- PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do Passado*. Campina Grande, Editora Teone, 1956.
- SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. *Imagem: Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo, Iluminuras, 2001.
- SOUSA, Fábio Gutemberg R. Bezerra. *Cartografias e Imagens da cidade: Campina Grande – (1920-1945)*. Tese de Doutorado em História. Campinas, Unicamp, 2001.